

As coisas que a gente finge (des)escutar

Rayane Pontes Barbalho



1

O mar é a coisa mais calma que eu conheço, ele dá vontade de dormir, de deitar e de ser espuma; é brilhante, azul, o céu que caiu na terra e ficou. O mar é a sala de aula.

O som do mar é música, assobio, canção de ninar de mãe, aluno pedindo ajuda, aluno sorrindo ao entender a ajuda. Não sei nadar, nunca aprendi, mas com os alunos eu consigo, eles me ajudam, eu os ajudo, ajudamo-nos, ajudar-nos-emos, e todas as colocações pronominais são como peixes que a gente aponta e fala o nome. Estudar gramática vira nado e a gente bóia sorrindo... é bom.

O som do mar é barulhento, mas não incomoda, é melodia. A sala de aula é barulhenta mesmo, a gente se acostuma, igual acostumou com onda batendo em pedra, onda batendo em vento, onda batendo em gente. Até que a onda bate na gente, e aí para de ser bom. A sala de aula também é onda furiosa, de tempestade, de maré em ressaca querendo rasgar a terra. Eu era a terra, e doeu.

De tantos barulhos de onda, um veio com um caco de vidro, o mar arremessa coisas que às vezes cortam, ele não sabe, a culpa não é dele, a culpa é da gente que joga vidro no mar, que joga coisa ruim em criança, ela cresce, vira adolescente, e não vê mais gente, pessoa, humano, só vê cor, corpo, roupa e dor. A culpa não é dele, a culpa é dele, a culpa é dele? De quem é a culpa quando aluno deixa de ser menino com barco de papel e vira homem jogando garrafa de vidro no fundo do mar?

Ninguém sabe, mas o fundo do oceano é surdo, caí nele por alguns segundos, a água era tanta que quase transbordou. Transbordou-se é ênclise, transbordar-se-ia, mesóclise, me transbordou é próclise –colocação pronominal difícil de fazer, e eu fiz.

(Sorriso)

Gente! Vamos continuar aqui por favor. Silêncio! Por favor.